



**ESTRELINHAS ENTRE LINHAS:
Literatura em casos de luto infantil**

**LITTLE STARS BETWEEN LINES:
Literature on cases of childhood bereavement**

**ESTRELLITAS ENTRE LÍNEAS:
Literatura en casos de dolor infantil**

*Rebecca de Araújo Dias**

Universidade Federal Fluminense (UFF), Niterói, Brasil

ORCID: 0009-0003-0906-8116

*Autor correspondente (e-mail: rebeccaddias@gmail.com)

Raquel Donegá de Oliveira

Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), Brasil

ORCID: 0000-0002-4686-5179

Mara Sizino da Victoria

Universidade Federal Fluminense (UFF), Rio das Ostras, Brasil

ORCID: 0000-0002-7382-2529

RESUMO

A morte é um tema tabu para a maior parte das pessoas e torna-se um desafio abordá-la na clínica psicológica. No caso das crianças, torna-se ainda mais difícil porque, socialmente, é um sofrimento ainda pouco reconhecido. As crianças vivenciam o processo do luto diferente dos adultos, de modo que o manejo deste assunto deve alcançar estratégias específicas da sua fase de desenvolvimento. O presente trabalho tem o objetivo de apresentar livros infantis atuais com as temáticas morte e luto como recursos potentes de trabalho na clínica psicológica com crianças. Para tal, foi realizada uma revisão da literatura sobre os aspectos conceituais do luto e a importância do livro como recurso terapêutico, associado a um levantamento de livros que abordam o assunto nos últimos vinte anos a partir de buscas na plataforma de vendas online Amazon. Ao final, foram selecionados dez livros, a partir de critérios narrativos e estéticos, que podem ser utilizados para tal propósito. Embora a seleção destes livros não esgote o assunto, este trabalho oferece contribuições para que profissionais de psicologia possam abordar a temática de forma a aproximar-se da linguagem infantil.

ABSTRACT

Death is a taboo subject for most people and it is a challenge to address it in a psychological clinic. In the case of children, it becomes even more difficult because, socially, it is a suffering that gets little recognition. Children experience the grieving process differently than adults, so the management of this subject must involve specific strategies to their developmental stage. This study aims to present current children's books on the themes of death and bereavement as powerful resources for psychological clinical work with children. In the end, a literature review on the conceptual aspects of grief and the importance of books as therapeutic resources was conducted, associated with a survey of books that address the subject from the last twenty years based on an Amazon search. In the end, ten books that can be used for this purpose were selected, based on narrative and aesthetic. Although this book selection does not exhaust the subject, this study offers contributions so that psychology professionals can address the subject in a way that approaches children's language.

Palavras-chave:

Biblioterapia; Literatura Infantil; Luto; Infância; Psicologia.

Keywords:

Bibliotherapy; Children's literature; Bereavement; Childhood; Psychology.

RESUMEN

La muerte es un tema tabú para la mayoría de las personas y se convierte en un desafío abordarlo en una clínica psicológica. En el caso de los niños, se hace aún más difícil porque, socialmente, es un sufrimiento todavía poco reconocido. Los niños experimentan el proceso de duelo de manera diferente a los adultos, por lo que manejar esta cuestión debe involucrar estrategias específicas para su etapa de desarrollo. Este trabajo pretende presentar libros infantiles actuales con la temática de la muerte y el dolor como poderosos recursos de trabajo en la clínica psicológica con niños. Para ello, se realizó una revisión bibliográfica sobre los aspectos conceptuales del duelo y la importancia de los libros como recurso terapéutico, asociada a un relevamiento de libros que abordan el tema en los últimos veinte años a partir de una búsqueda en Amazon. Al final se seleccionaron diez libros, en base a criterios narrativos y estéticos, que pueden utilizarse para este fin. Aunque la selección de estos libros no agota el tema, esta obra ofrece aportes para que los profesionales de la psicología puedan abordar el tema de un modo que les acerque al lenguaje infantil.

Palabras-clave:

Biblioterapia; Literatura infantil; Dolor; Infancia; Psicología.

1. Introdução

O luto infantil é um sofrimento pouco reconhecido socialmente e, embora sua relevância tenha sido ampliada com a pandemia de COVID-19, ainda é um tópico pouco abordado na literatura científica. Em função de uma maturidade cognitiva e emocional em desenvolvimento, a criança é vista como jovem demais para se deparar com perdas ou sofrer por estas.

Diante da complexidade do luto infantil e das dificuldades que as crianças enfrentam para entender e processar a perda, ferramentas terapêuticas que facilitam essa compreensão são essenciais. Uma dessas ferramentas é a literatura, pois através de histórias, as crianças podem explorar temas difíceis como a morte de maneira simbólica e acessível, o que torna a literatura um recurso poderoso no contexto terapêutico.

No entanto, o uso de literatura na psicologia é ainda um tema subestimado e pouco explorado. Embora seu uso preceda até mesmo a prática psicológica ocidental, pouco material é encontrado sobre o assunto, principalmente em pesquisas brasileiras. A literatura é um elemento muito presente na vida das crianças no contexto educacional, mas, com o advento da tecnologia na atualidade, cada vez menos esse recurso tem sido utilizado por suas propriedades lúdicas e terapêuticas.

A metodologia desta pesquisa é qualitativa e tem caráter exploratório, documental e analítico, buscando qualificar a escolha de livros infantis como recurso clínico no manejo do luto infantil. Para tanto, após revisar bibliografias sobre o conceito de luto na infância e suas especificidades, realizou-se uma busca por materiais disponíveis no mercado editorial brasileiro através da plataforma de vendas online Amazon. A pesquisa utilizou como descritores de busca ativa “morte livro infantil” e “luto livro infantil” e retornou cerca de 120 resultados, nem todos livros infantis. Ressalta-se a limitação da plataforma, cujo funcionamento está atrelado a algoritmos e interesses de mercado.

Os resultados foram analisados a partir da leitura dos descritores do produto, tendo sido excluídos os livros: 1) com atividades; 2) com cunho religioso; 3) disponíveis apenas em versão digital; 4) com textos extensos; 5) sem ilustrações internas; 6) sem textos; 7) com os termos “morte” e “luto” em destaque no título para não gerar aversão à leitura.

Diante dos resultados, a busca ativa precisou ser retomada, investindo-se na leitura e análise dos livros, que foi realizada em livrarias físicas e bibliotecas. Ressaltamos, ainda, a percepção de que o algoritmo da plataforma de vendas passou a oferecer livros com temática relacionada aos descritores “luto” e “morte”, cujos resultados também foram analisados e considerados na composição da lista.

Os materiais foram analisados a partir dos seguintes critérios: a) adequação e problematização do luto, apresentando o processo de enfrentamento da perda como temática central; b) linguagem adequada ao público infantil, demarcada pela presença de figuras de linguagem; tipografia e quantidade de texto suficientes para a exploração durante uma sessão; c) ilustrações abrangentes e passíveis de ampliação simbólica, permitindo a projeção; exploração da capacidade criativa e inferências entre texto verbal e não-verbal (Oliveira et al, 2023; Colletivus de leitura, 2018). Diante disso, foram selecionados 10 livros de editoras brasileiras, publicados entre 2004 e 2020. São eles: “O livro do Adeus”, “Vazio”, “O coração e a garrafa”, “Pode chorar coração, mas fique inteiro”, “A árvore das lembranças”, “O guarda-chuva do vovô”, “O menino que queria virar vento”, “Para onde vamos quando desaparecemos”, “Pedro e Lua” e “Leo e a Baleia”.

2. Aspectos conceituais do luto infantil

O luto é um processo. Nesse sentido, o termo é usado para caracterizar os efeitos mentais, psicossomáticos e emocionais que acometem um sujeito que recentemente teve uma grande perda na vida. Embora a perda por morte de um ente querido seja o tema mais recorrente, outras perdas devem ser consideradas como potenciais geradores de angústia, como término de relacionamentos, perda de um membro do corpo, morte de animais de estimação e mudanças de local de moradia (Franco, 2016; Ramos, 2016).

Em um país vasto culturalmente como o Brasil, a diversidade de vivências relativas ao enlutamento deve ser considerada. É muito importante, portanto, que se rejeite uma visão sólida de quais emoções, reações e rituais fazem parte desse processo, isso porque tal processo é vivenciado de formas variadas, influenciado por diferentes contextos culturais, religiosos e sociais. O modo brasileiro de compreender e experienciar o luto é completamente perpassado por essas camadas culturais, pelas crenças religiosas que fundamentaram nossa sociedade e pelos impactos da colonização, imigração e globalização.

Deste modo, segundo as contribuições de Franco (2021), as raízes patriarcais brasileiras têm uma relação direta com o modo que a rede de apoio do luto se compõe na nossa sociedade. A fé e a família monogâmica patriarcal são vistas como a base de segurança e apoio do sujeito, delegando a essas instituições a função de prover ao enlutado recursos para lidar com seu próprio luto.

Na conceituação do luto, o trabalho de Kübler-Ross (1996) é um dos mais conhecidos tanto na literatura científica como na cultura popular. Segundo a autora, o processo de luto ocorre em cinco estágios: negação, raiva, barganha, depressão e aceitação. A primeira fase do luto, a negação, é uma defesa natural ao choque da morte, na qual o indivíduo pode inicialmente acreditar que a perda não é real. Pode ocorrer também o mecanismo de isolamento, no qual a pessoa opta por ficar sozinha e não falar no assunto. Há outros casos em que a negação é substituída por uma aceitação parcial. Em seguida, surge a fase da raiva, onde o sentimento de injustiça toma lugar, e o indivíduo pode direcionar sua raiva a Deus, médicos, familiares, ou ao próprio falecido. Há um questionamento do “porquê isso aconteceu” e a revolta e o ressentimento podem se instalar. O terceiro estágio, a barganha, envolve tentativas de negociar com o destino, muitas vezes com promessas em troca de trazer a pessoa de volta. Essa fase ainda reflete uma negação parcial, com o indivíduo recusando-se a aceitar a irreversibilidade da morte.

Quando a realidade é finalmente reconhecida, o luto avança para a depressão, a quarta fase, que pode ser reativa, focada no que foi perdido, ou preparatória, envolvendo a contemplação de perdas futuras. Por fim, a aceitação é o último estágio, em que a pessoa consegue seguir em frente, aceitando a realidade da perda e retomando a vida com episódios esporádicos de tristeza. Não há mais o desespero e o sentimento maior é o de saudade, com ações de reorganização da vida. É importante ressaltar que o luto é um processo subjetivo e individual, e, algumas vezes, a transição de um estágio para outro pode não ser linear (Kübler-Ross, 1996).

Embora o modelo em estágios de Kübler-Ross seja bastante popular, há perspectivas críticas a respeito do assunto. Conhecê-lo, no entanto, é necessário devido à sua popularidade. Stroebe, Schut e Boerner (2017) afirmam que este modelo é muito simplista e limitado e que não consegue representar as emoções e os processos complexos do luto. Entendem que este modelo pode gerar expectativas indevidas, até mesmo presunções, sobre o curso que o luto deve tomar. Além disso, para os autores, há pouca evidência que sustente o desenvolvimento

sequencial dessas reações em estágios e apresentam estudos que refutam os estágios de Kübler-Ross. Neste sentido, sugerem trabalhar uma abordagem alternativa através de uma teoria que explique o processo de lidar com a perda e a vida em curso, refletindo a experiência de pessoas enlutadas, seus pensamentos e sentimentos.

Um outro esquema também amplamente aceito no estudo do luto é a teoria do apego de John Bowlby, uma abordagem que busca entender como os vínculos se formam, seus efeitos no desenvolvimento humano e o que acontece quando tais vínculos são rompidos. Segundo o autor, o comportamento e o estilo de apego se formam no vínculo inicial entre mãe e bebê (importante salientar que o termo “mãe” se refere ao papel de cuidador da criança, que pode ser desempenhado por diferentes pessoas) e vai se repetindo em outras relações durante a adolescência e vida adulta (Bowlby, 2004a, 2004b, 2006).

Toda criança passa por uma fase crucial em seu desenvolvimento, na qual a separação inicial da mãe desempenha um papel fundamental. John Bowlby (2006) compara essa experiência ao luto, onde a ausência materna é vivida como uma separação dolorosa. Ele descreve três fases: protesto, desespero e desligamento. Na fase do protesto, a criança reage com choro e raiva, acreditando que a mãe retornará, semelhante à indignação no luto. A fase do desespero ocorre quando as esperanças de reencontro diminuem, mas ainda se alternam com momentos de esperança. Finalmente, na fase do desligamento, a criança parece se afastar emocionalmente da mãe, refletindo o processo de aceitação no luto.

Bowlby (2006) ressalta que esse processo, em crianças, se daria de forma um pouco diferente de em adultos: além da sequência se dar mais rapidamente, a criança também tende a alcançar prematura e incompletamente a fase de desligamento, ainda retendo algumas emoções das outras duas fases de forma inconsciente. Tal antecipação pode causar características patológicas e crônicas ao luto quando vivenciado prematuramente na vida. Esse conceito é reforçado pelos estudos de Wolfenstein (1966) que relata que, ao entrevistar crianças que perderam um dos pais, elas demonstraram manter a rotina habitual e pouco choro, porém, negavam a permanência da ausência da pessoa falecida.

A distinção do luto vivenciado por crianças é influenciada por fatores como idade, estágio de desenvolvimento, laços afetivos e ambiente familiar (Lima; Kovács, 2011). Na sociedade ocidental, elas costumam ser afastadas dos processos de morte, o que pode gerar confusão e dificultar o luto saudável. Segundo Bowlby (2004b), a falta de informações claras sobre a morte pode causar medo, culpa e sentimentos de desamparo nas crianças, comprometendo o desenvolvimento emocional.

Estudos indicam que a comunicação aberta sobre a morte, em que a criança entende que o falecido não retornará, é crucial para um luto saudável (Bowlby, 2004b; Kovács, 1992; Torres, 1999). A honestidade e a clareza são fundamentais, assim como o apoio de um adulto de confiança (Bowlby, 2004b). Quando a morte é explicada de forma inadequada, utilizando eufemismos como “foi dormir” ou “está no céu”, a criança pode desenvolver medos e mal-entendidos que impactam negativamente seu luto (Torres, 1999).

As consequências de um luto mal processado na infância podem incluir distúrbios psiquiátricos na vida adulta, como depressão, ansiedade e apego angustiado. Zavaschi *et al.* (2002) relatam que mulheres que perderam a mãe antes dos 17 anos apresentam maior risco de depressão, especialmente se a perda ocorreu antes dos seis anos. Além disso, o luto infantil mal resolvido pode levar a comportamentos autodestrutivos e dificuldades nos relacionamentos sociais (Kovács, 1992).

É essencial que as crianças participem dos rituais de luto e recebam apoio emocional adequado para evitar problemas futuros. Estudos mostram que, quando as crianças têm espaço

para expressar seus sentimentos e compreender a morte dentro de sua realidade cultural, elas lidam melhor com a perda (Zavaschi *et al.*, 2002). Recursos terapêuticos também podem ser úteis nesse processo, ajudando-as a enfrentar e elaborar suas emoções de maneira saudável (Franco, 2021).

3 . O livro como recurso para o acesso ao mundo infantil

Embora o livro já tenha o seu status bem estabelecido na área da educação como elemento pedagógico para crianças, há uma lacuna quando se relaciona ao luto. A relação da literatura com o viés emocional tem sido investigada através da biblioterapia, uma prática que utiliza os livros como ferramenta para enfrentar o sofrimento diante de experiências pessoais. Através da leitura, busca-se promover o manejo afetivo de situações cotidianas que geram angústia, oferecendo novas perspectivas e alívio emocional (Sapra, 2019; Sousa; Santos; Ramos, 2013). É importante destacar que, embora a biblioterapia possa ter efeito terapêutico, não é um trabalho de terapia, já que este requer uma abordagem abrangente que considere todos os aspectos do bem-estar subjetivo, tanto físico quanto psíquico. Ainda que a biblioterapia seja mais voltada para práticas coletivas, suas contribuições para o acompanhamento individual e para o manejo de literatura na clínica devem ser consideradas.

Segundo Caldin (2001), a biblioterapia oferece benefícios diretos como o alívio emocional e a redução da ansiedade — fatores recorrentes no manejo de sujeitos enfrentando o luto — ao permitir que os leitores se identifiquem com personagens e situações literárias. Além disso, promove o autoconhecimento, fortalecimento da resiliência e aprimoramento da empatia, ajudando os indivíduos a lidarem melhor com seus desafios pessoais e a entenderem as emoções dos outros (Caldin, 2001). Indiretamente, a biblioterapia melhora as habilidades de leitura e escrita, estimula a criatividade e apoia o desenvolvimento social e educacional. Em contextos de grupo, fortalece os laços sociais e promove a integração, além de reduzir o isolamento social e emocional, especialmente em situações de vulnerabilidade (Oliveira *et al.*, 2023; Pereira, 2016; Roza *et al.*, 2022). Dessa forma, a biblioterapia se mostra uma ferramenta multifacetada, capaz de promover o bem-estar de forma holística.

No contexto da psicoterapia infantil, o uso de narrativas e histórias assume uma importância particular. Recursos lúdicos, como a contação de histórias, ajudam a promover o engajamento da criança, estreitar a relação psicólogo-paciente e acessar o mundo interior da criança de maneira alinhada à sua vivência cotidiana (Roza *et al.*, 2022; Suvilehto, 2019). Ao utilizar atividades rotineiras da infância, o terapeuta possibilita que a criança reproduza ações que talvez não conseguisse expressar em um diálogo direto, especialmente em casos onde a linguagem verbal é limitada devido à idade ou a transtornos de desenvolvimento (Oliveira *et al.*, 2023).

Assim, a narrativa se torna uma ferramenta valiosa no atendimento psicológico infantil, permitindo que o profissional acesse aspectos importantes da vida da criança, como sua dinâmica familiar e social, e a ajude a elaborar e expressar seus sentimentos de maneira segura e significativa.

Abordando mais diretamente os livros infantis, em consonância com as contribuições da biblioterapia, estes também se configuram como uma excelente ferramenta para entrevistar, conhecer e intervir na clínica infantil. Britto (2018) destaca a leitura como elemento de propósito lúdico à medida que é, de certa forma, uma brincadeira com as palavras. Oliveira *et al* (2023) ressaltam que a literatura frequentemente proporciona um sentimento de pertencimento para a criança, por meio da identificação dela com as histórias e/ou com os personagens. Além disso,

o sentimento de aceitação é gerado na criança quando um adulto lhe conta uma história, pois ela entende que as emoções evocadas pela história são compreendidas e aprovadas por outra pessoa. Porém, o acesso ao mundo interno da criança não se restringe à identificação e ao pertencimento, sendo possível também avaliar sua habilidade de leitura, questionar seus valores morais e obter relatos de experiências próprias semelhantes narradas, além de possibilitar a observação e intervenção nos métodos de resolução de problemas, percepção de relacionamento, visões do ambiente e reações emocionais (Roza *et al.*, 2022).

4. Livros infantis no manejo do luto

O livro infantil é uma obra literária projetada para ser esteticamente atraente para as crianças. Suas características incluem uma capa colorida com traços infantis, ilustrações internas, geralmente em cores vivas, e uma tipografia diversificada e agradável. O texto é ajustado ao público-alvo, com construções sintáticas simples e um volume de texto adequado para a compreensão infantil. As narrativas frequentemente apresentam um dilema que é resolvido ao longo da história, proporcionando uma experiência envolvente e educativa aos leitores.

As contribuições de Yamamura e Veronez (2016) a respeito da comunicação sobre morte com crianças destacam a potencialidade do livro como recurso lúdico facilitador da nomeação de experiências. As autoras enfatizam a importância de validar e acolher os sentimentos infantis, mas também de proporcionar espaços para compartilhar, expressar, identificar e elaborar o luto, dando contorno à especificidade da situação.

É preciso também que o adulto seja capaz de lidar com suas dificuldades em comunicar sobre a morte, considerando a necessidade de compreendê-la como um processo irreversível, universal, sem finalidade, natural e imanente, cujo conteúdo pode ser obscuro, mas certamente vem crescendo do que a criança já ouviu falar (Yamamura; Veronez, 2016). Este fator impacta no fato de que, ao abordar o assunto com uma criança, é preciso ter a delicadeza de partir da concepção de morte e dos conhecimentos prévios dela, passando para as dúvidas e avaliando as crenças que acompanham esse cenário. Destaca-se que as metáforas contidas na literatura favorecem trazer à tona alguma verdade sobre a morte sem a necessidade de assustar ou ser cruel diante da situação e favorecendo a simbolização e a resignificação saudável da perda.

Ainda, Yamamura e Veronez (2016) ressaltam a potencialidade psicoterapêutica da construção de narrativas a partir da perda. Em consonância, Hisada (2007, p. 7) demonstra que “as histórias com suas metáforas permitem ao paciente a iniciativa de apreender o que estiver ao seu alcance e de acordo com seu tempo interno”. E mais, uma narrativa de qualidade permite abordar de modo seguro e acolhedor temas cuja introdução pode ser bastante difícil no cotidiano (Pondé; Brenman, 2019).

Diante disso, o levantamento bibliográfico catalogou 10 livros de qualidade narrativa e estética que abordam o tema por diferentes perspectivas, linguagens distintas e público-alvo infantil.

5. O Livro do Adeus

“O Livro do Adeus” é um livro de ficção infantil escrito e ilustrado por Todd Parr. Foi publicado originalmente em inglês com o título “The Goodbye Book” em novembro de 2015, pela editora Little Brown Books For Young Readers e foi lançado no Brasil em novembro de 2017, pela editora Panda Books. O livro utiliza a história de um peixinho que perdeu seu

companheiro de aquário para ilustrar o processo de perda e as diferentes reações e comportamentos que podem surgir a partir disso, tratando de forma muito natural emoções complicadas, como a vontade de se isolar ou a raiva.

A linguagem é de fácil compreensão e objetiva, constituindo uma narrativa por meio de frases simples e possíveis de serem acompanhadas até por crianças menores. A ilustração colorida também chama muito a atenção das crianças mais novas, permitindo uma aceitação inicial melhor de crianças que talvez não tenham o hábito de ler livros. Outro fator que facilita a leitura é o uso de letras de forma, tornando a leitura mais fluida para crianças em fase de alfabetização. Além disso, o texto cria uma comunicação direta com o leitor através do uso da palavra “você” na maioria das frases, tornando sua narrativa didática ainda mais eficaz e passível de identificação.

6. Vazio

O “Vazio” é um livro de ficção infantil escrito e ilustrado por Anna Llenas. Foi publicado originalmente em espanhol com o título “Vacío” em novembro de 2015, pela Barbara Fiore Editora e foi lançado no Brasil em janeiro de 2018, pela editora Salamandra.

O diferencial de “Vazio” é sua gama de interpretações e a oportunidade que a narrativa dá ao leitor de ressignificar sua dor. O livro não aborda diretamente a morte, o luto ou os processos subsequentes deste, mas proporciona à criança a esperança e a perspectiva de que algo a espera para além da tristeza, que a dor se faz presente com um propósito que pode mudar a sua forma de se relacionar com o mundo a sua volta.

Além disso, o livro pode ser utilizado em distintas situações que podem ou não ter relação com o luto, como uma depressão subsequente ou um comportamento compulsivo. As ilustrações são feitas de uma forma que brinca bastante com as possibilidades dentro e fora das páginas, com a presença de colagem além das ilustrações habituais, possibilitando que a criança permaneça interessada nas novidades de cada página. O fato da protagonista da história também ser uma criança é uma característica que veremos em muitos dos livros subsequentes e que também facilita a identificação e projeção do público infantil na história.

7. O coração e a garrafa

“O Coração e a Garrafa” é um livro de ficção infantil escrito e ilustrado por Oliver Jeffers. Foi publicado originalmente em inglês com o título “The Heart and the Bottle” em março de 2010, pela Philomel Books, e foi lançado no Brasil em maio de 2012, pela editora Salamandra.

Na história, vemos o acontecimento que fez a menina guardar seu coração em uma garrafa: a morte de um homem adulto querido. Isso é representado na história através da cadeira de seu avô aparecendo vazia. A partir disso, a criança cresce com seu coração ainda preso na garrafa, virando uma adulta sem curiosidade e sentindo o peso de sua garrafa. Até que, em certo momento, essa mulher encontra uma outra criança curiosa igual era ela, mas percebe que, sem seu coração, ela não consegue responder às curiosidades da criança. Isso causa um grande incômodo nela, ao ponto de tentar resgatar o coração da garrafa também coloca a criança em uma posição de capacitação.

Como abordado anteriormente, muitas vezes, em uma situação de falecimento na família, a criança é deixada de lado, como se não pudesse ou não devesse compreender o que está acontecendo. Por isso, é importante que a criança seja colocada na história como uma figura ativa, como a que tem a resolução de um problema que, um adulto não estava

conseguindo resolver. A linguagem da história é simples e de fácil compreensão. Apesar de não se referir ao falecimento do avô diretamente ou não deixar claro o que é “colocar o coração na garrafa”, as ilustrações dão indicações visuais de fácil compreensão.

Esse livro tem uma narrativa interessante para a leitura em conjunto entre adultos e crianças. As mensagens têm objetivos distintos para cada um desses grupos, mas isso favorece mais ainda a conexão criada através da história. Para adultos, este livro tem uma lição sobre as escolhas que acompanham a maturidade que geralmente envolvem abandonar o fascínio pelo mundo que as crianças possuem, seja por decepções ou repreensões recebidas por outros adultos. Isso eventualmente se torna um ciclo, no qual adultos decepcionados ou reprimidos passam a reprimir ou não compreender o mundo das crianças. A ideia exposta é que a memória e a experiência de ser uma criança e encarar o mundo como um lugar cheio de ideias e possibilidades existe dentro de todo e qualquer adulto e com a qual eles conseguem se identificar ao interagir com uma criança, alguns simplesmente escolhem não o fazer.

A partir disso, podemos analisar também a lição passada para as crianças na história. A criança protagonista sofre uma grande perda e, desta forma, decide que o melhor a se fazer é parar de sentir as coisas. O livro convoca uma reflexão de como, apesar de isso ser um mecanismo de defesa inicial comum, ele não é muito eficaz. O coração estar na garrafa impediu a mulher de se conectar com o que constituía a relação dela com o avô em primeiro lugar, que era a curiosidade com o mundo. O livro oferece à criança a oportunidade de se identificar com a vontade de se isolar da protagonista que pode acontecer com uma reação ao luto, mas também oferece uma alternativa de manter a “cadeira ocupada” e continuar o legado que a pessoa que partiu deixou.

8. Pode chorar, coração, mas fique inteiro

“Pode chorar, coração, mas fique inteiro” é um livro de ficção infantil escrito por Glenn Ringtved e ilustrado por Charlotte Pardi. Foi publicado originalmente em inglês com o título “Cry, Heart, But Never Break” em fevereiro de 2016, pela Enchanted Lion Books e foi lançado no Brasil em fevereiro de 2020, pela Companhia das Letrinhas.

A história do livro traz duas camadas interessantes: a do livro em si e da história contada pela Morte durante o livro. Primeiramente, um ponto relevante é que, novamente, a história é contada na perspectiva e com protagonismo das crianças. Porém, dessa vez, a história aborda de um jeito lúdico o luto antecipado, que ocorre antes mesmo da pessoa morrer. O livro utiliza um elemento metafórico narrativo que, de certa forma, torna possível uma fantasia muito comum de pessoas passando pelo processo de luto antecipado: a de que é possível adiar ou impedir a morte. Na narrativa, isso é trazido com as crianças oferecendo café para a Morte até o dia raiar e ela não poder mais levar a avó embora.

Outro ponto interessante da história é que ela traz a Morte como uma figura que, apesar de assustadora, é afável, gentil, empática e muito apaixonada pela vida. A Morte não é nem de perto a vilã da história, apesar de ser uma antagonista natural. Além disso, a ilustração da Morte não tenta disfarçar a presença dela como uma figura assustadora. Todas essas camadas são importantes para a mensagem do livro, para que as crianças entendam que, apesar da morte ser realmente assustadora e algo natural de se ter medo, é um processo natural da vida, tão importante quanto o viver.

A partir disso, entramos na história contada dentro do livro. A Morte, para elucidar as crianças do porque ela é necessária, conta a história sobre os irmãos Sofrimento e Desconsolo e as irmãs Alegria e Risada. Os irmãos, tristes e desanimados, moravam em um vale escuro,

enquanto as irmãs, cheias de felicidade, viviam no alto das montanhas. Porém, apesar da vida cheia de Sol, as irmãs sentiam que faltava alguma coisa e, dessa forma, nunca conseguiam aproveitar completamente a felicidade que tinham. Um dia, os quatro se encontraram, se gostaram, se casaram e passaram a morar no meio da montanha, de modo que pudessem visitar a família do alto da montanha e a família do vale várias vezes. Viveram felizes e morreram juntos, pois um não conseguia viver sem o outro.

A moral da história contada pela morte é que é impossível apreciar a vida totalmente sem a morte. Um detalhe interessante é que o livro diz que as crianças não entenderam a história tão bem como a Morte, mas sabiam que ela estava certa. Isso traz um toque de realismo e humanidade aos personagens que é muito fácil de se identificar, como no momento da dor é difícil escutar os conselhos que se recebe, não importa o quanto você saiba que a pessoa está falando algo que faz sentido. No final, ainda é reconhecido o quanto as crianças e até a própria Morte ficaram tristes e sofreram muito com o falecimento da avó, mas que aceitaram a partida dela e lembravam dela com carinho, demonstrando como a tristeza da morte e a felicidade da vida realmente andam lado a lado.

O livro, diferentemente da maioria que trata de luto, não se preocupa em ser sutil com relação ao assunto: as ilustrações mostram a avó doente e falecida, a narrativa usa o termo “morrer” e o sofrimento é perceptível durante toda a história. Esse é um aspecto que torna o livro muito bom para todas as idades, pois não depende de uma compreensão de subtextos. Um elemento que pode diminuir o interesse de crianças menores no livro é as ilustrações, que faz uso de poucas cores vibrantes e tem elementos que podem ser considerados assustadores. Finalmente, também é interessante ressaltar o uso que a história faz de diálogos como recurso facilitador do luto, nesse caso, uma conversa com a própria Morte que faz as crianças se sentirem mais consoladas.

9. A árvore das lembranças

“A Árvore das Lembranças” é um livro de ficção infantil escrito e ilustrado por Britta Teckentrup. Foi publicado originalmente em alemão com o título “Der Baum der Erinnerung” em outubro de 2013, pela editora Ars Edition e foi lançado no Brasil em julho de 2014, pela editora Rovel. O site da editora brasileira recomenda o livro para crianças maiores de 2 anos.

O livro utiliza a figura de animais para relatar a história, o que pode ser proveitoso tanto de forma mais direta ao lidar com o luto de animais de estimação, quanto de forma indireta ao fornecer uma figura não-humana de modo que diferentes relações podem ser representadas (perda de pais, irmãos, avós, tios, amigos). A Árvore das Lembranças tem o diferencial de demonstrar diretamente uma forma saudável de lidar com o luto: discutindo o assunto em comunidade e compartilhando as lembranças vividas com a pessoa amada. Ainda, pode ser um mote para dialogar sobre a importância dos rituais fúnebres, como velório, sepultamentos, missas etc.

O livro coloca isso como uma forma de manter a pessoa viva na vida de todos, até de pessoas que vieram depois dela nascer, quando, com as histórias compartilhadas, a raposa vira uma grande árvore que vira um apoio para todos que a amavam. A morte também é colocada como um processo natural e não necessariamente trágico, quando coloca que apesar da raposa ter vivido muito e sido muito feliz, ela precisava descansar, deitando no bosque e não acordando mais. A linguagem utilizada é lúdica e abstrata, mas de fácil compreensão para diferentes idades.

10. O guarda-chuva do vovô

“O guarda chuva do vovô” é um livro de ficção infantil escrito por Carolina Moreyra e ilustrado por Odilon Moraes. Foi publicado originalmente em português no Brasil em março de 2013, pela editora DCL.

Em todos os livros apresentados até o momento, o luto é tratado como o sofrimento de perder alguém querido próximo, com quem se tinha muitas memórias boas e se convivia com frequência. Em “O guarda chuva do vovô”, esse não é o caso. A neta não é próxima de seu avô, o visita poucas vezes por morar longe e ele já estava bem doente quando ela nasceu. O avô, na verdade, era uma figura de proibição: por conta dele, ela não podia fazer barulho, correr no jardim ou brincar com o guarda-chuva.

O livro traz uma perspectiva muito interessante de uma relação complexa e de como o luto se desdobra a partir disso. É relevante pois essa é a realidade de muitos falecimentos de pessoas mais velhas na família, com frequência a criança não compartilha das memórias do falecido saudável que o resto da família conheceu e o que resta para ela é a imagem da figura doente que pode ser rabugenta, controladora e pouco tolerante ao comportamento infantil, ou ainda, uma figura adoecida e demarcada por traços de demência. Em contextos como esse, a morte pode vir com uma dose de liberdade, de finalmente poder fazer as coisas que era proibido. Porém, isso não significa que a falta da pessoa não é sentida.

O livro retrata isso muito bem com uma visão isenta de julgamentos que pode fazer crianças e adultos se identificarem com a história. Após a morte do avô, a criança canta e corre pela janela que não podia, mas também leva o guarda-chuva dele como lembrança de uma pessoa querida. Nisso, o luto acontece também como um processo de ressignificação da relação, permitindo que o carinho pelo tempo passado com a pessoa surja espontaneamente através da ausência dela.

Outro ponto interessante abordado no livro é o de como a criança é excluída e afastada do processo de adoecimento do avô, o que foi determinante no afastamento entre os dois. Não era explicado para ela porque o avô não comia bolo de chocolate junto com eles, e quando ela ia vê-lo na sua cama, era afastada pelos adultos. Isso cria uma lacuna na vivência da criança, em que ela sabe que tem algo acontecendo, mas ninguém explica o porquê, e segue na ausência de explicação sobre o que aconteceu quando seu avô faleceu. A linguagem simples em primeira pessoa, diretamente da perspectiva da criança, é outro fator que incentiva a identificação da criança com a história.

11. O menino que queria virar vento

“O menino que queria virar vento” é um livro de ficção infantil escrito por Pedro Kalil Auad e ilustrado por Luisa Helena Ribeiro. Foi publicado originalmente em português no Brasil em janeiro de 2012, pela editora Aletria.

O livro utiliza uma linguagem bem poética e lúdica, com uma gama de interpretações possíveis. As ilustrações também são bem sensíveis, brincando com a textura do papel e as possibilidades que são criadas a partir disso. A história é mais complexa e em aberto do que as outras que foram apresentadas até agora, por isso o livro é mais bem aproveitado por crianças mais velhas.

“O menino que queria virar vento” trabalha com as possibilidades de se manter em contato com as pessoas de quem se sente falta através da imaginação e criatividade. O livro coloca para a criança a possibilidade de entrar em contato com quem sente falta através da

imaginação e criatividade. O livro coloca para a criança a possibilidade de entrar em contato com quem sente falta através da conexão com os sentidos, com a natureza e com as conversas que se pode ter dentro do seu mundo interior. Além disso, a história também pode ser utilizada em casos de saudades de alguém que está vivo, mas incomunicável e/ou muito distante, como o caso de pessoas internadas ou institucionalizadas.

12. Para onde vamos quando desaparecemos?

“Para onde vamos quando desaparecemos?” é um livro de ficção infantil escrito por Isabel Minhós Martins e ilustrado por Madalena Matoso. Foi publicado originalmente em português em Portugal em novembro de 2011, pela editora Planeta Tangerina, e no Brasil em fevereiro de 2015, pela Tordesilhinhas.

O livro faz uso de uma observação da vida e da perenidade de todas as coisas para refletir o que acontece quando desaparecemos. Essa é uma pergunta comum feita pelas crianças em caso de falecimento de alguém querido: “para onde ele foi?”. Algumas famílias explicam a partir da religião ou respondem apenas que também não sabem, mas o livro coloca como alternativa uma reflexão sobre o que se sabe e o que não se sabe, tornando possível que a criança crie suas próprias interpretações.

O livro utiliza uma linguagem simples, sutil e leve para o tema. É melhor aproveitado por um público infantil mais velho por conta do uso de metáforas e da reflexão necessária para compreender o que o livro traz.

13. Pedro e Lua

“Pedro e Lua” é um livro de ficção infantil escrito e ilustrado por Odilon Moraes. Foi publicado originalmente em português no Brasil em setembro de 2004, pela Jujuba Editora. O site da editora recomenda o livro para crianças de 6 a 7 anos.

A história retrata o luto de um menino que perdeu seu animal de estimação, com quem tinha grande amizade. Esse é um luto que muitas vezes não é reconhecido, frequentemente lido como algo de menor importância por não se tratar da morte de um ser humano. Porém, o livro faz um ótimo trabalho em reconhecer o estabelecimento da amizade que é criada entre uma pessoa e seu animal de estimação, como a conexão é criada sem necessidade de conversa. O livro também apresenta a resignificação da morte da amiga ao colocar que Lua voltou para casa ao morrer. A linguagem é simples e sensível, funcionando para crianças de todas as faixas etárias.

14. Leo e a baleia

“Leo e a baleia” é um livro de ficção infantil escrito e ilustrado por Benji Davies. Foi publicado originalmente em inglês com o título “The Storm Whale” em agosto de 2013, pela Simon & Schuster, e foi lançado no Brasil em outubro de 2014, pela Paz & Terra.

Similar a “Pedro e Lua”, “Leo e a baleia” também trata do luto por um animal de estimação. Porém, nesse livro, a baleia não morre, apenas é levada de volta ao mar, deixando Leo com saudades da amiga e com dúvida se a verá de novo. Como foi abordado anteriormente, o luto não é apenas sobre falecimento, é sobre o rompimento de um vínculo. Mudar de escola, mudar de cidade, perder contato com amigos ou familiares ou ter que se despedir de um animal de estimação: todas essas situações são luto também. Isso é mostrado

de forma muito delicada através das ilustrações, onde, após a partida da baleia, Leo ainda desenha a amiga e vai em piqueniques perto do mar para tentar vê-la.

O livro também traz o vínculo restaurado entre pai e filho através da saudade da baleia. O pai de Leo se sentiu muito culpado por não perceber que o filho andava tão sozinho ao ponto de trazer uma baleia para ser sua amiga e, a partir disso, ele ajuda a levar a baleia de volta para o mar e participa do processo de luto do filho depois do fato. Nessa perspectiva, o livro também pode ser utilizado para conversar sobre as relações familiares e a solidão da criança. Apresenta uma linguagem simples, possível de ser acompanhada por crianças de qualquer idade.

15. Considerações finais

Considerando-se que o luto infantil é um assunto muito importante que merece atenção especial de profissionais das áreas de saúde e de educação, propusemos o uso da literatura infantil como recurso auxiliar no manejo e no enfrentamento desse difícil processo. Observou-se que os livros selecionados podem colaborar de modo informativo, fornecendo esclarecimentos sobre a morte e os processos de lidar com ela; favorecendo o bem-estar dos leitores; criando vínculos entre a criança e seus cuidadores; e criando um espaço seguro para a expressão dos sentimentos.

Além disso, foram apresentadas diferentes possibilidades interpretativas e relações simbólicas que cada história cria, facilitando a escolha daquela que mais se relaciona aos objetivos específicos de cada caso. No entanto, isso não dispensa a necessidade da leitura e reflexão prévias do livro por parte do adulto antes de apresentá-lo à criança, já que caberá a ele mediar os afetos e crenças emergentes desse encontro.

Como foi dito anteriormente, tanto o luto infantil quanto o uso da literatura em psicologia são temas pouco pesquisados, sendo particularmente desafiadora a tarefa de encontrar textos de pesquisadores de psicologia abordando sobre literatura. A maior parte dos trabalhos encontrados que tratam do tema são de pesquisadores de letras, literatura, biblioteconomia e até de enfermagem e medicina. Devido à interseccionalidade dessas áreas com a psicologia, existe um amplo espaço para se explorar as possibilidades de uso da literatura dentro da clínica psicológica.

Uma das lacunas existentes é a de estudo de casos nos quais livros foram utilizados para tal propósito, reforçando uma aplicação prática para amparar a teoria. Além disso, a amostra selecionada de livros é limitada diante da oferta de livros no mercado editorial. Optou-se por selecionar dez livros, mas existem e surgirão vários outros sobre o tema que não foram contemplados, havendo, portanto, espaço para que futuras pesquisas abordem o uso de outros livros.

Vale ressaltar que “O livro do Adeus”, “Vazio”, “O Coração e a Garrafa”, “Pode chorar, coração, mas fique inteiro”, “A Árvore das Lembranças”, “O Guarda-chuva do Vovô”, “O Menino Que Queria Virar Vento”, “Para Onde Vamos Quando Desaparecemos?”, “Pedro e Lua” e “Leo e a Baleia” foram livros utilizados na experiência prática clínica do Serviço de Psicologia Aplicada (SPA), na equipe de Avaliação Psicológica Infantil, do grupo de pesquisa “A literatura infantil do processo de avaliação psicológica de crianças” e do grupo de extensão “Laboratório de avaliação psicológica infantil” da Universidade Federal Fluminense (UFF), campus Rio das Ostras, demonstrando resultados favoráveis do ponto de vista da expressão de sentimentos pelas crianças.

Portanto, o uso da literatura infantil como disparador para a abordagem de temas

sensíveis como o luto tem demonstrado benefícios no manejo clínico. Assim como as estrelas no céu oferecem uma luz que guia e conforta nas noites mais escuras, os livros podem iluminar os caminhos incertos que a criança percorre durante o processo de luto. Ao navegar nas páginas de um livro, a criança pode encontrar um universo de possibilidades, onde suas dores podem ser nomeadas, seus sentimentos validados e onde ela pode perceber que não está sozinha em sua jornada.

Esse processo não visa apenas um alívio temporário, mas a construção e fortalecimento de repertório que a criança poderá acessar sempre que a dor do luto for sentida. É essencial, portanto, que continuemos a explorar e valorizar o papel da literatura na clínica psicológica infantil, reconhecendo-a como uma ferramenta poderosa para transformar o luto em um processo de cura e autodescoberta.

REFERÊNCIAS

- AUAD, Pedro Kalil. **O menino que queria virar vento**. Belo Horizonte: Aletria, 2012.
- BOWLBY, John. **Apego e perda**: Apego: A natureza do vínculo, v.1. São Paulo: Martins Fontes, 2004a.
- _____. **Apego e perda**: Perda: Tristeza e depressão, v.3. São Paulo: Martins Fontes, 2004b.
- _____. **Formação e rompimento dos laços afetivos**. São Paulo: Martins Fontes, 2006.
- BRITTO, Luiz Percival Leme. Ler com crianças. **Revista Exitus**, v. 8, n. 3, p. 17-31, set.2018. Disponível em: <http://educa.fcc.org.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S2237-94602018000300017&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em: 19 ago. 2024.
- CALDIN, Clarice Fortkamp. A leitura como função terapêutica: biblioterapia. **Revista eletrônica de biblioteconomia e ciência da informação**, v. 6, n. 12, p. 32-44, 2001. Disponível em: <<https://periodicos.ufsc.br/index.php/eb/article/view/1518-2924.2001v6n12p32>>. Acesso em: 18 ago. 2024.
- COLLECTIVUS DE LEITURA. Como selecionar bons livros de literatura infantil? *In*: **FUNDAÇÃO ITAÚ SOCIAL. Mar adentro...** Uma viagem à mediação de leitura. 2018.
- DAVIES, Benji. **Leo e a baleia**. São Paulo: Paz & Terra, 2014.
- FRANCO, Maria Helena Pereira. **O Luto no Século 21**: uma compreensão abrangente do fenômeno. São Paulo: Summus, 2021.
- _____. Luto é um processo. [Entrevista cedida a] João Vítor Santos. **Revista do Instituto Humanitas Unisinos**, n. 496, out. 2016. Disponível em: <<https://www.ihuonline.unisinos.br/artigo/6684-maria-helena-pereira-franco>>. Acesso em: 19 ago. 2024.
- HISADA, Sueli. **A Utilização de Histórias no Processo Psicoterápico**: uma proposta winnicottiana. Rio de Janeiro: Thieme Revinter, 2007.
- JEFFERS, Oliver. **O coração e a garrafa**. São Paulo: Salamandra, 2012.
- KOVÁCS, Maria Júlia. Morte no processo do desenvolvimento humano. A criança e o adolescente diante da morte. *In*: _____. **Morte e desenvolvimento humano**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 1992.
- KÜBLER-ROSS, Elizabeth. **Sobre a morte e o morrer**. São Paulo: Martins Fontes, 1996.
- LIMA, Vanessa Rodrigues; KOVÁCS, Maria Júlia. Morte na família: um estudo exploratório acerca da comunicação à criança. **Psicologia: Ciência e Profissão**, v. 31, n. 2, p. 390-405, 2011. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/pcp/a/L3xKm8W96yYnCMB3JF6RDZq/?format=pdf&lang=pt>>. Acesso em: 19 ago. 2024.
- LLENAS, Anna. **Vazio**. São Paulo: Salamandra, 2018.
- MARTINS, Isabel Minhós; MATOSO, Madalena. **Para onde vamos quando desaparecemos?** Rio de Janeiro: Tordesilhinhas, 2015.
- MORAES, Odilon. **Pedro e Lua**. São Paulo: Jujuba, 2004.
- MOREYRA, Carolina. **O guarda-chuva do vovô**. São Paulo: DCL, 2013.
- OLIVEIRA, Raquel Donegá *et al.* O uso de narrativas literárias na prática de avaliação psicológica infantil.

DESidades: Temas em destaque, [s. l.], n. 36, ano 11, p. 95-112, maio/ago. 2023. Disponível em: <<https://desidades.ufrj.br/artigo/o-uso-de-narrativas-literarias-na-pratica-de-avaliacao-psicologica-infantil/>>. Acesso em: 15 mai. 2025.

PARR, Todd. **O livro do adeus**. São Paulo: Panda Books, 2017.

PEREIRA, Isabela Lustosa. A importância da Biblioterapia no tratamento da depressão. Orientador: Prof. Dr. Francisco Ramos de Farias. 2016. 37 f. TCC (Bacharelado em Biblioteconomia) - Curso de Biblioteconomia, Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO), Rio de Janeiro.

PONDÉ, Luiz Felipe; BRENMAN, Ilan. **Quem tem medo do lobo mau?** Campinas: Papirus, 2019.

RAMOS, Vera Alexandra Barbosa. O processo do luto. **Psicologia.pt**, O portal dos psicólogos, p.1-16, set. 2016. Disponível em: <<https://pt.scribd.com/document/381447999/o-Processo-Do-Luto>>. Acesso em: 15 mai. 2025.

RINGTVED, Glenn. **Pode chorar, coração, mas fique inteiro**. São Paulo: Companhia das Letrinhas, 2020.

ROZA, Juliana Alvez Garcia *et al.* Avaliação Psicológica Infantil (API). **Revista AMazônica**, [s.l.], v. 15, n. 2, p. 343-382, 2022. Disponível em: <<https://periodicos.ufam.edu.br/index.php/amazonica/article/view/10265>>. Acesso em: 15 mai. 2025.

SAPRA, Rekha. Social and Emotional Wellbeing of Children: facilitating role of bibliotherapy. **International Journal of Science and Research (IJSR)**, v. 8, n. 10, p. 814-821, 2019. Disponível em: <<https://www.ijsr.net/archive/v8i10/ART20201897.pdf>>. Acesso em: 19 ago. 2024.

SOUZA, Thais Caroline da Silva; SANTOS, Andréa Pereira; RAMOS, Rubem Borges Teixeira. **Ações e projetos de biblioterapia: uma revisão de literatura brasileira**. XXV Congresso Brasileiro de Biblioteconomia, Documento e Ciência da Informação. Florianópolis SC, 2013. Disponível em: <<https://portal.febab.org.br/cbbd2019/article/view/1500/1501>>. Acesso em 18 ago. 2024.

STROEBE, Margaret; SCHUT, Henk; BOERNER, Kathrin. Cautioning Health-Care Professionals. **Omega - Journal Of Death And Dying**, [s.l.], v. 74, n. 4, p. 455-473, 2017. Disponível em: <<https://journals.sagepub.com/doi/10.1177/0030222817691870>>. Acesso em: 19 ago. 2024.

SUVILEHTO, Pirjo. We Need Stories and Bibliotherapy Offers One Solution to Developmental Issues. **Online Journal of Complementary & Alternative Medicine**, [s.l.], v. 1, n. 5, p. 1-4, 31 jul. 2019. Disponível em: <<https://irispublishers.com/ojcam/pdf/OJCAM.MS.ID.000523.pdf>>. Acesso em: 19 ago. 2024.

TECKENTRUP, Britta. **A árvore das lembranças**. Rio de Janeiro: Rovel, 2014.

TORRES, Wilma da Costa. **A criança diante da morte: desafios**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 1999.

WOLFENSTEIN, Martha. **How is Mourning Possible?** The Psychoanalytic Study Of The Child, [s.l.], v. 21, n. 1, p. 93-123, jan. 1966. Disponível em: <<https://www.tandfonline.com/doi/abs/10.1080/00797308.1966.11823254>>. Acesso em: 19 ago. 2024.

YAMAURA, Luciana Parisi Martins; VERONEZ, Fulvia de Souza. Comunicação sobre a morte para crianças: estratégias de intervenção. **Psicologia Hospitalar**, v. 14, n. 1, p. 79-93, 2016. Disponível em: <https://www.academia.edu/36488794/COMUNICA%C3%87%C3%83O_SOBRE_A_MORTE_PARA_CRIAN%C3%87AS_ESTRAT%C3%89GIAS_DE_INTERVEN%C3%87%C3%83O>. Acesso em: 15 mai. 2025.

ZAVASCHI, Maria Lucrecia Scherer *et al.* Associação entre trauma por perda na infância e depressão na vida adulta. **Brazilian Journal of Psychiatry**, v. 24, n. 4, p. 189–195, out. 2002. Disponível em: <<https://www.scielo.br/jrbp/a/zz6yFh7N4mTkk85zcTDQ6Xf/abstract/?lang=pt>>. Acesso em: 19 ago. 2024.



A **Revista de Comunicação Dialógica** (RCD) é editada pela Faculdade de Comunicação Social da Universidade do Estado do Rio de Janeiro e está licenciada sob uma licença Creative Commons Atribuição- Não Comercial- Compartilha Igual 4.0 Não Adaptada.

Link: <http://creativecommons.org/licenses/by-nc-sa/4.0/>

Recebido em: 14/03/2025
Aprovado em: 22/05/2025